

Material para uso exclusivo das atividades do curso, favor não circular

Estado e urbano no Brasil

Francisco de Oliveira



“Temos bons exemplos. A geração de 30 aceitou o desafio de pensar o Brasil, com **radicalidade e especificidade**”.



Gilberto Freyre - nostálgico, conservador, melado de mel de engenho da cabeça aos pés. Entretanto, é forçoso reconhecer que Gilberto articula a denúncia mais vigorosa do que foi o escravismo, explicando-o até pelas relações sexuais, o que era um escândalo para a época e para as ciências sociais.

Sérgio Buarque - Ao trabalhar o tema de uma sociedade patrimonialista, ele recusa o tratamento cordial, e ao contrário, acusa a chamada **cordialidade** brasileira como um problema e um estigma que acompanha a formação da sociedade (...)

Caio Prado Jr - Combina-se em Caio o movimento geral da expansão capitalista e o "específico" nacional, que será o escravismo: enquanto no centro o capitalismo está liquidando o trabalho servil, sua forma colonial assenta-se sobre o trabalho escravo.

Florestan Fernandes - Talvez o livro mais radical dessa coleção de obras-primas seja *A revolução burguesa*, ao apontar os limites e os problemas da democracia numa específica periferia capitalista.

Celso Furtado - Furtado dá esse salto, que é precioso sob todos os pontos de vista, encontrando assim uma explicação que faz do subdesenvolvimento não um elo numa cadeia contínua entre o não desenvolvido e o desenvolvido, mas uma criação específica do capitalismo na sua periferia, no modo histórico portanto, e não uma seqüência de fases.

COUTINHO, Carlos Nelson;
COMPARATO, Fábio
Konder and OLIVEIRA, Francisco
de. Como pensar?. *Lua
Nova* [online]. 2001, n.54
[cited 2020-04-03], pp.87-132

“Caio, ao contrário, com uma forte herança historiográfica onde se apoiar, forma toda uma escola de pensamento sobre a história brasileira que tem nele, com toda razão, seu patrono. O radical em Caio Prado Jr. será inscrever a história brasileira na história mundial: a colônia é uma obra da expansão capitalista e a ela estará ligada definitivamente. Combina-se em Caio o movimento geral da expansão capitalista e o "específico" nacional, que será o escravismo: enquanto no centro o capitalismo está liquidando o trabalho servil, sua forma colonial assenta-se sobre o trabalho escravo”

Chico de Oliveira

COUTINHO, Carlos Nelson; COMPARATO, Fábio Konder and OLIVEIRA, Francisco de. Como pensar?. *Lua Nova* [online]. 2001, n.54 [cited 2020-04-03], pp.87-132

Chico de Oliveira

“Além de muito bons, os ensaios de Chico de Oliveira sobre a atualidade política são sempre **inesperados**. Isso porque refletem posições adiantadas, de que no fundo não temos o hábito, embora as aproveamos da boca para fora. A começar pelo seu caráter contundente, e nem por isso sectário, o que a muitos soa como um despropósito. Faz parte da fórmula dos artigos de Chico a **exposição de todos os pontos de vista em conflito, sem desconhecer nenhum**. Mas então, se não é sectário, para que a contundência?”

Roberto Schwarz, por ocasião do concurso de 'Chico' para professor titular da USP, em 1992

O estado e o urbano no Brasil

Espaço e Debates, v. 2, n. 6, p. 36-54, 1982.

Crítica à razão dualista

Em nova edição como Crítica à razão dualista / O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003

O Estado e a exceção ou o Estado de exceção?. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 5 , n. 1, p. 9-14, maio 2003

Várias formas de abordagem (ângulos)

Divisão social do trabalho (entre cidade e campo)

Estado utiliza mecanismos de criação e reprodução do que é o urbano

Relações sociais de produção

Entrada do Estado na regulação de relações sociais

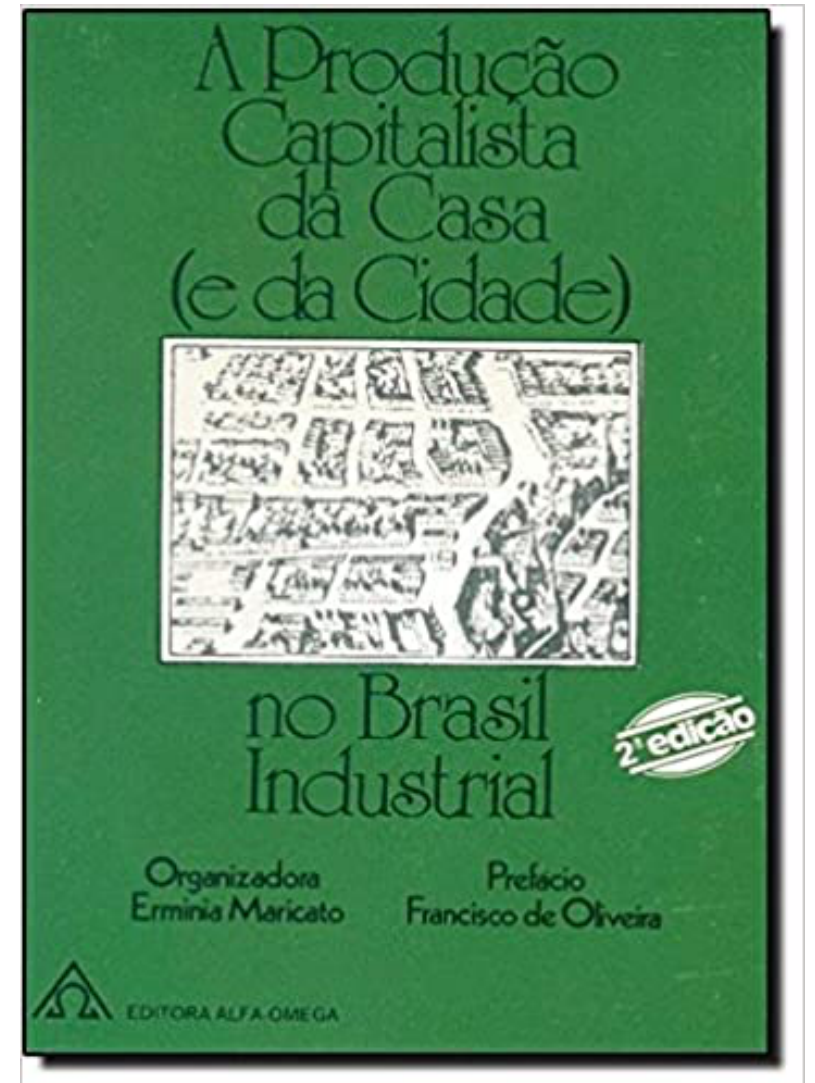
O Estado está no nascimento delas se tomarmos os anos 1930

Estado e o chamado espaço urbano

Evidencia empírica das relações entre Estado e urbano se apresenta de modo mais visível mas com maior debilidade teórica

Não passamos muito da constatação ação do Estado sobre a regulação de certos aspectos da vida urbana (uso do solo, códigos de construção...)

Ver o prefácio do Chico a esse livro



Pressupostos históricos derivados da formação da economia colonial

- Expansão do mercantilismo (sistema produtivo mediante o qual o Brasil se insere na DIT) fundava-se no campo
- Mas o campo nunca realmente controlou o Estado no Brasil
- Caráter agroexportador da economia
- Economia fundada no trabalho escravo (fundada no trabalho compulsório)
- Capital controlava de cima (sem entrar nela) a economia agroexportadora
- Na cidade se localizarão tanto os aparelhos que fazem a ligação da produção com a circulação internacional de mercadorias quanto os aparelhos de Estado

Períodos

- 1) da colônia até o século XIX, quando as cidades eram **sede do capital comercial** e, controlando a produção agro-exportadora, faziam a ligação dessa produção com a circulação internacional de mercadorias;
- 2) do início do século XX até os anos 1950, quando o urbano se redefine e as cidades passam a ser sede do **capital produtivo, industrial**;
- 3) de 1950 em diante, com a implantação do **capital monopolista** no Brasil, e a ampliação do chamado terciário.

O que significa “autarquia das cidades”?

“Significa que as cidades, ao tornarem-se com a industrialização o centro do aparelho produtivo, vão, pela própria herança do padrão anterior, constituir-se em cidades autárquicas” (p. 42)

Chico contrasta com Lancashire, Mancheste, Liverpool e outras grandes cidades inglesas sedes do processo de industrialização – lá o capitalismo industrial vai se servir dessa base camponesa

Qual a ressalva que o autor faz ao termo “marginalidade” social nas cidades?

A marginalidade é um componente dos exércitos industriais de reserva, não é exclusão do trabalho nem da economia urbana

“Significa forma peculiar pela qual a industrialização brasileiro trouxe para si, de uma só vez, de uma pancada, todo esse exército industrial de reserva, vindo dos campos para dentro das cidades”

Qual a crítica do autor ao uso do termo “inchaço” para se referir ao crescimento das cidades brasileiras no século XX?

- A industrialização teve que ser no Brasil, a partir dos anos 1930, uma industrialização inteiramente urbana e requerendo taxas de urbanização muito acima das que seriam as necessidades de preenchimento dos postos de trabalho nas novas fábricas
- Industrialização exigia uma série de requerimentos que as cidades não ofereciam
- A herança do padrão anterior (agroexportador) das relações cidade-campo levou a uma autarquia das cidades
- Criou-se uma complexa divisão do trabalho no interior de cada indústria
- Exigiu taxas de capitalização elevadas, alta concentração de capital

Qual a relação entre o Estado e o novo urbano (da industrialização)?

Do ponto de vista da **divisão do trabalho**

- Vai direcionar o seu poder de coerção extra-econômica para tentar mudar o padrão de acumulação
- Transposição de excedentes de uns grupos sociais para outros, para potenciar a acumulação industrial (ver Celso Furtado e Caio Prado Jr)
- Novo urbano do ponto de vista da acumulação industrial

Do ponto de vista da **relações de produção**

- Relação entre Estado e urbano consiste na regulamentação das relações entre capital e trabalho > criação de um mercado de força de trabalho
- Afirma a capacidade da burguesia industrial emergente de ter um *espaço econômico unificado* (circulação da mercadoria)
- Preço da força de trabalho é um elemento indispensável para a constituição do cálculo econômico burguês

O que muda nos anos 1950

- Instalação do capitalismo monopolista no Brasil, com JK (p.48)

“ A contradição entre a industrialização da periferia do mundo capitalista e a conduta dos estados centrais leva o Estado a assumir certas tarefas que a própria burguesia nacional não era capaz de dar conta”

Pelo caráter autárquico que a industrialização tinha imposto nas cidades, que debilitava o poder de acumulação de cada grupo econômico individualmente considerado

Pelo fato da industrialização periférica ter que absorver bens de capital cuja composição técnica é determinada pelo caráter da luta de classes dos países centrais (e não daqui), tendo que absorver constantemente padrões tecnológicos muito superiores ‘a própria capacidade de acumulação de cada grupo nacional

Industrialização da periferia passa a ser um novo espaço de crescimento do capitalismo com a redefinição da divisão internacional do trabalho - espaço de expansão das empresas dos países centrais

Estado realiza o processo de centralização de capitais

Consequência: cresce a parcela do que a sociologia chama de “as classes médias”

Quais as repercussões urbanas da nova estrutura de classes pós 1950s?

- Ampliação do chamado terciário (expressão das funções de circulação das mercadorias, como publicidade e transporte, e do capital, como o crescimento do sistema bancário)
- Terciário que antes cresceu horizontalmente (devido 'a falta de aparelhamento das cidades e pelo processo autárquico de urbanização) agora se revela por meio da criação de empresas ligadas a esses processos
- Enorme peso social a essas classes médias
- As cidades são a expressão dessa nova estrutura de classe (p. 50)
- Consequências políticas > uma das bases do autoritarismo na sociedade brasileira

Quais as consequências no urbano?

- Essas classes médias criaram demandas dentro das cidades
 - O Estado é em grande medida determinado pela demanda das classes médias urbanas
 - Estado captura parte importante do excedente social para atender demandas da classe média, em contraste ao desatendimento das demandas populares
 - Classes trabalhadoras tornam-se agentes sem voz dentro da estrutura política brasileira pós-64
- “O urbano hoje é sobretudo a criação e reprodução do espaço das classes médias no Brasil...) p. 52

Qual a relação entre Estado e o urbano no capitalismo monopolista?

Pesquisa sobre como se dá a oposição de interesses entre o Estado e a coalizão de forças dominantes do capital monopolista e o resto da população (operariado e classes trabalhadoras e frações da baixa classe média)

A atuação do Estado (privilegiando demandas das classes médias altas no gasto na urbanização e privilegiando o Estado como potência de acumulação de capital privado) calou um fosso abismal entre esses polos

RIZEK, C. S. Pensar a cidade é pensar o país. Francisco de Oliveira: um biógrafo não autorizado do Brasil. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 23, n. 2, p. 226-241, ago. 2019. ISSN 2179-0892.

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/161108/155157>

BRAVERMAN. *Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1987.